

AS ESTRATÉGIAS DE RELATIVIZAÇÃO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO À LUZ DA SOCIOLINGÜÍSTICA: UM OLHAR PARA FATORES INTRA E EXTRALINGÜÍSTICOS E PARA AS DISTINTAS NORMAS LINGÜÍSTICAS

Elaine Alves Santos Melo¹

RESUMO: Este trabalho tratará das estratégias de relativização do Português Brasileiro. Utilizaremos a perspectiva teórica da sociolinguística, as amostras dos Projetos NURC e VARPORT e abordaremos a questão das diversas normas linguísticas que podem ser observadas a partir das estratégias de relativização.

Palavras-chave: estratégias de relativização; português brasileiro; normas linguísticas

RELATIVIZATION STRATEGIES OF BRAZILIAN PORTUGUESE IN THE LIGHT OF SOCIOLINGUISTICS: A LOOK AT INTER AND OUTER LINGUISTIC FACTORS AND THE DISTINCT LINGUISTIC STANDARDS

ABSTRACT: This paper will address the relativization strategies of Brazilian Portuguese. We will use the theoretical perspective of sociolinguistics, samples of NURC Project and VARPORT and discuss the issue of the different language rules that can be observed from the relativization strategies and how these norms influence on Portuguese Language teaching.

Key Words: relativization strategies; Brazilian Portuguese; language rules

1. Apresentação

Neste artigo, à luz da sociolinguística variacionista, discutiremos as três estratégias de relativização do Português Brasileiro (doravante PB): relativa padrão, cortadora e copidora, respectivamente apresentadas em (1-3).

- (1) O clima é muito, então você veja, por exemplo, na Antiguidade ... as grandes civilizações antigas estavam ligadíssimas ao terreno **em que ela nasceu**.
- (2) e eu já nadava aqui no Flamengo, quer dizer, ficou meio, altamente zona sul, quer dizer, quando eu, vou, às vezes, até até fazer compra, praça Saens Pena assim, né, você pega, o local na Tijuca **que você mais faz compras**, é, sábado,

¹ Doutoranda em Letras Vernáculas - língua portuguesa, na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atua como professora substituta de Língua Portuguesa na UFRJ.

- (3) olha... normalmente eu tenho o costume de ver filmes **que são filmes alegres...** nada de suspense... nada de terror... só realmente filmes que me façam rir...

Na literatura acerca das estratégias de relativização do português, assume-se que sentenças como (1) são relativas padrão visto que as regras prescritas pela tradição gramatical foram contempladas (BECHARA, 2006; CUNHA & CINTRA, 1986). As ditas estratégias de relativização não padrão – relativa cortadora e copiadora – são produtivas no PB, ainda que expressem frequências de uso bastante distintas. Estruturalmente, podemos assumir que uma relativa cortadora, (2), é uma construção em que a regência verbal ou nominal seleciona um argumento preposicionado, mas que ao ser relativizado perde a preposição. A relativa copiadora, (3), pelo contrário, insere um pronome ou um SN, que é considerado redundante.

Para Tarallo (1993), sentenças que apresentam a estratégia relativa cortadora são uma inovação do PB. Enquanto as relativas copiadoras podem ser encontradas no Português Europeu desde o século XVIII. O autor ressalta também o caráter estigmatizado que é dado à relativa copiadora pelos falantes do PB em detrimento da não estigmatização da relativa cortadora. Para Tarallo (1993), o fator estigmatizado ou não estigmatizado pode ser a justificativa para a implementação no sistema de uma das formas em detrimento da outra. O trabalho que apresentamos foi elaborado a partir dos pressupostos teóricos da sociolinguística. A amostra é constituída por sentenças relativas coletadas nas entrevistas de 1970 e 1990 do projeto Norma Urbana Culta (NURC-RJ), assim como em textos jornalísticos que compõem o Corpus do projeto Variedades do Português (VARPORT). O artigo está organizado da seguinte forma: na próxima seção, abordamos a literatura acerca das estratégias de relativização do PB. Posteriormente, apresentamos a análise dos dados.

2. O que dizer sobre as estratégias de relativização do PB?

A questão do estigma na língua pode estar relacionada à escolarização, ao gênero dos interlocutores, bem como a aspectos sócio econômicos. Conforme Tarallo (1993), há uma diferença no estigma que as estratégias de relativização não padrão sofrem: a relativa copiadora, é mais estigmatizada do que a relativa cortadora. Assim, poderíamos esperar que as construções com relativas copiadoras fossem mais frequentes nos indivíduos com baixa

escolarização ou naqueles que estão no início da fase escolar. Na mesma linha de raciocínio, podemos ter a hipótese de que os falantes com baixa escolarização, seja em razão da baixa idade ou por falta de oportunidades sociais, terão maior tendência a produzir relativas cortadoras, se comparados aos estudantes do Ensino Médio e Superior que já foram insistentemente expostos às construções em que a estratégia de relativização é aquela prescrita pela norma, portanto, considerada a padrão.

A partir das hipóteses levantadas acima, vejamos o gráfico I, que foi retirado de Silva e Lopes (2007), em um trabalho sobre as estratégias de relativização em amostras orais e escritas produzidas por estudantes brasileiros no final do século XX.

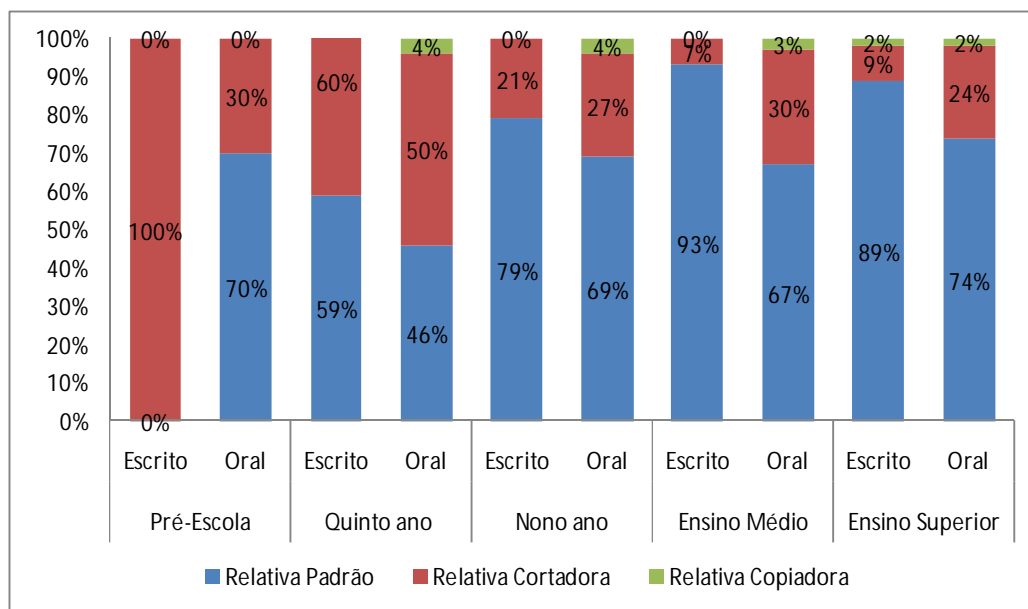


Gráfico I: Estratégia de relativização por grau de escolaridade e tipo de registro. (Gráfico adaptado de Silva e Lopes, 2007)

No gráfico I, podemos comparar a produção escrita e oral de estudantes brasileiros da Pré-escola até o Ensino Superior. Contudo, olhemos, inicialmente, para os tipos de registros: texto oral ou escrito. Os resultados apresentados por Silva e Lopes (2007) mostram que a relativa padrão aparece com maior frequência no registro escrito. É, justamente, o fato do modelo aprendido nos bancos escolares – a escrita – ser aquele que apresenta maior frequência de construção padrão que indica a importância da escolarização no

estabelecimento das estratégias de relativização. A escrita é acima de tudo um tipo de registro altamente controlado e que, por convenção, segue as normas prescritas pela tradição. Assim, conforme salientam Mollica (2003) e Correa (2008), o processo de escolarização pode estar tendo “sucesso” na medida em que as estratégias não padrão apresentam menor frequência na escrita.

Em contrapartida, chama a atenção, nos resultados de Silva e Lopes (2007), o fato de haver alta frequência de relativa padrão no registro oral. A menor frequência de uso da relativa padrão na oralidade é de 46%, chegando a atingir a frequência de 74% nos informantes do Ensino Superior. Esse resultado é inesperado à medida que, mesmo nas faixas etárias com baixa escolarização, a frequência de uso da relativa padrão é muito alta quando consideramos, por exemplo, os resultados apresentados por Oliveira (2007) que indicam que a relativa cortadora já é extremamente produtiva em falantes do PB desde o fim do século XIX.

Como sabemos uma mudança linguística, em geral, tem início na fala e apenas quando está implantada no sistema (WEINREICH, LABOV e HERZOG 2006[1968]) atinge o registro escrito. Desta maneira, a frequência alta de relativa padrão na escrita é justificada pelo conservadorismo do registro. Entretanto, o mesmo padrão ser encontrado no registro oral é inesperado.

Não podemos interpretar que o efeito da escolarização também esteja sendo observado no registro oral, pois a frequência de uso da estratégia padrão é alta já nos indivíduos que acabaram de chegar aos bancos escolares. Ao observar os resultados de Silva e Lopes (2007), a única interpretação possível seria a de que a estratégia de relativa padrão é a mais frequente no PB.

Ao mesmo tempo, se observarmos a variação entre as relativas padrão e não padrão a partir do avanço na idade dos informantes, perceberemos que desde o indivíduo mais jovem ao mais velho a estratégia de relativa padrão sempre prevalece, excetuando-se apenas a escrita da pré-escola. Esse comportamento inesperado dos dados é justificado em Silva e Lopes (2007) pelo fato de que não foram separados os dados em que o pronome relativo tem a função de objeto direto ou de sujeito.

Como sabemos, as relações gramaticais de sujeito e objeto direto não levam uma preposição. Nesse caso, não podem ser encontradas estruturas do tipo relativa cortadora, mas podem existir sentenças com relativas copiadoras. O fato é que a opção de não excluir as

sentenças em que o pronome relativo é objeto ou sujeito pode ter envesado o resultado da pesquisa. Por outro lado, como destacam as autoras, a opção por apresentar todas as funções dos pronomes relativos na mesma rodada do Varbrul é interessante porque permite depreender que a relativa cortadora é um processo de regularização das estratégias de relativização.

A regularização das estratégias consiste, na visão das autoras, no fato de que as sentenças em que o pronome relativo tem a função de sujeito ou objeto são mais produtivas do que aquelas em que o mesmo pronome exerce outra função sintática. Ou seja, o falante produz muito mais sentenças em que o pronome relativo obrigatoriamente não é antecedido por uma preposição. Assim, em virtude da alta frequência, o falante interpretaria a construção sem preposição como a regular na língua, passando a produzi-la também em casos em que o verbo ou o nome têm como argumento um complemento preposicionado.

Acredita-se que como esse é um recurso produtivo na língua (o uso mais frequente das relativas de sujeito e de objeto), a sua estrutura superficial (semelhante a da estratégia cortadora) poderia estar se generalizando nas demais funções sintáticas. (SILVA e LOPES, 2007)

Na verdade, quando as autoras mostram os resultados separando as sentenças em que o pronome relativo é sujeito ou objeto direto das demais funções sintáticas, o padrão encontrado – tabela I – é semelhante ao que esperamos a partir dos resultados de Tarallo (1993). Ou seja, quando há preposição a estratégia padrão se restringe a apenas 13 dados o que corresponde a menos de 10% do universo total de dados em que de fato a língua pode variar entre uma estratégia com ou sem preposição.

	Adjunto Adverbial		Complemento Relativo		Complemento Nominal		Adjunto Adnominal		Total
	N	%	N	%	N	%	N	%	
Relativa Padrão	9	5%	3	7%	0	0%	1	33%	
Relativa Cortadora	176	91%	41	91%	3	100%	0	0%	
Relativa Copiadora	9	5%	1	2%	0	0%	2	67%	
Total	194		45		3		3		245

Tabela I: As estratégias de relativização por função sintática preposicionada.

Os resultados de Silva e Lopes (2007) revelam não só a alta produtividade da relativa cortadora, mas também a marginalidade da relativa copiadora. Parece que se de fato a escolarização está tendo sucesso na contenção do avanço das estratégias de relativização não

padrão, isso está ocorrendo com grande eficácia nas relativas copadoras, mas não nas relativas cortadoras.

Se observarmos a tabela I, podemos perceber que, excetuando a função de adjunto adnominal, as demais relações gramaticais apresentam alta frequência de relativas cortadoras. É fato que o número de dados é baixo e que seriam necessárias mais sentenças para se fazer com maior segurança afirmações acerca das propriedades dos pronomes relativos em cada uma das funções sintáticas, entretanto, há evidências quantitativas que nos direcionam a afirmar que as relativas cortadoras são produzidas com alta frequência no PB.

3. Análise dos dados

Na análise das amostras do projeto NURC – Norma Urbana Culta – e do projeto VARPORT – Variedades do Português -, assim como no trabalho de Silva e Lopes (2007), também encontramos, inicialmente, um altíssimo número de dados da estratégia padrão. Conforme podemos observar na tabela II, em 77% das sentenças encontradas, a estratégia de relativização era considerada padrão pela tradição. Nesse sentido, os resultados que apresentamos na tabela II, em que constam todas as sentenças da amostra, também poderiam nos levar a questionar o estatuto de que a relativa cortadora é o tipo de estratégia de relativização mais frequente no PB.

	Estratégias de Relativização	
	N	%
Relativa Padrão	190	77%
Relativa Cortadora	45	18%
Relativa Copadora	11	4%
Total	246	

Tabela II - Distribuição geral dos dados

Além dos 77% dos dados de relativa padrão, as amostras do NURC e do VARPORT apresentam juntas 18% de relativa cortadora e apenas 4% de relativa copadora. Como nosso objetivo é investigar as ocorrências de variação linguística, se faz necessário separar as estratégias de relativização a partir da função sintática do pronome relativo. Vejamos, então, a tabela III em que apresentamos o resultado das estratégias de relativização por função sintática, colocando juntos os registros oral e escrito.

	Complemento Relativo		Predicativo do Sujeito		Adjunto Adverbial		Objeto indireto		Sujeito		Total
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	
Relativa Padrão	7	64%	0	0%	19	33%	5	71%	0	0%	
Relativa Cortadora	4	36%	0	0%	39	67%	2	29%	0	0%	
Relativa Copiadora	0	0%	1	100%	0	0%	0	0%	10	100%	
Total	11		1		58		7		10		87

Tabela III - A relação entre as estratégias de relativização na fala e na escrita, considerando as funções sintáticas.

A observação inicial da tabela III revela que em 52% das ocorrências prevalecia a estratégia de relativização não-padrão: a relativa cortadora. Enquanto em outros 13% dos dados foram encontradas relativas copiadoras. O quadro descrito acima confirma a hipótese inicial desse trabalho de que no PB a relativa cortadora é a estrutura mais frequente. É preciso destacar que as amostras utilizadas nesse trabalho são de fala culta, portanto, a alta frequência dessa construção se mostra ainda mais relevante, pois nos falantes mais escolarizados a dita inovação da gramática do PB já ultrapassou a frequência de uso de 50% sendo, por isso, o dado de input das crianças no processo de aquisição da linguagem.

A tabela III mostra-nos que esse processo de mudança nas estratégias de relativização do PB está avançando lentamente pelas mais diversas funções sintáticas. Outro fator importante de ser observado é o baixo uso de relativas copiadoras. A explicação para esse resultado pode confirmar a hipótese de Tarallo (1993) de que o seu baixo uso está atrelado às pressões sociais, ou seja, a sociedade estigmatiza a construção e esta, na variedade culta, é menos produzida.

No que concerne às relativas cortadoras, segundo Castillo (2009), um dos fenômenos que está auxiliando na perda das preposições é o “desaparecimento dos clíticos” (CASTILHO, 2009: 140). Para Castilho (2009) e Kato (1981), as relativas cortadoras ocorrem nos mesmos contextos em que há o apagamento do pronome oblíquo. A hipótese de Kato (1981) é a de que as estratégias de relativização são inter-relacionadas com as de cliticização, ou seja, o informante que utiliza no processo de anáfora os clíticos, quando tiver que relativizar fará uso da estratégia padrão, já aquele que faz a anáfora por meio do pronome pessoal reto, produzirá copiadoras e o que ao ter que anaforizar torna elíptico o clítico fará uso da estratégia cortadora. Sintetizando: Kato (1981) evidencia que a relação entre os clíticos e

as estratégias de relativização se faz no sentido de que quem produz a forma estigmatizada fará uso desta nos dois tipos de estruturas; quem apaga o clítico apagará a preposição; e quem faz uso dos clíticos utilizará também as estratégias de relativização prescritas pela tradição gramatical.

Observamos, nessa seção, um pouco da expansão do uso das estratégias de relativização não padrão do PB a partir das funções sintáticas. Vimos que a mudança está se processando de maneira lenta e gradual e tende aos poucos a afetar todo o sistema linguístico. Relacionamos ainda a mudança nas estratégias de relativização do PB à proposta de Kato e Tarallo de que a emergência da relativa cortadora está atrelada às construções de objeto anafórico do PB. Dito isso, passemos a observar alguns fatores extralinguísticos atuantes nesse sistema. Trataremos, inicialmente, da questão do tipo de registro – oral ou escrito -, posteriormente, do sexo do informante e, por fim, das faixas etárias.

3.1. Oral x escrito

Marcuschi (2001) afirma que, na sociedade moderna, a escrita é vista como a manifestação mais formal do processo de letramento, sendo, por isso, muitas vezes colocada em um nível superior ao dado à modalidade oral: “sua prática (prática da escrita) e avaliação social a elevaram a um *status* mais alto, chegando a simbolizar educação, desenvolvimento e poder” (MARCUSCHI, 2001:17). O autor destaca que o valor distintivo que a sociedade impõe a esses dois tipos de registro precisa ser relativizado à medida que fala e escrita são duas modalidades distintas com práticas e características diferentes, além disso fala e escrita permitem aos interlocutores construir textos coesos e capazes de estabelecer um diálogo.

Uma diferença importante ressaltada por Marcuschi (2001) diz respeito ao fato de que a fala é adquirida desde o berço, enquanto a escrita só é aprendida a partir do processo de escolarização. Dessa maneira, a aquisição da fala está intimamente atrelada à inserção do indivíduo na sociedade num primeiro momento da vida, enquanto o processo de aprendizagem da escrita vai permitir aos indivíduos ser integrado em um grupo com maior prestígio social: o dos escolarizados/letrados.

Na verdade, no que concerne às estratégias de relativização, importa destacar que o prestígio social atribuído ao registro escrito e por consequência à norma que, pela tradição, o rege, faz com que a frequência das estratégias de relativização não padrão caia

significativamente. Em outras palavras, podemos dizer que a escrita além de carregar o valor social do letramento traz também valores prescritos por uma norma e que são muito menos frequentes na fala.

A forte imposição, na escrita, de uma norma prescrita pela tradição acarreta em um maior conservadorismo desta em relação à fala. Assim, as variações e mudanças linguísticas ganham sempre maior espaço na fala, enquanto a escrita se mostra mais “relutante” aos novos processos linguísticos. Por consequência, a análise de um corpus de letrados, altamente escolarizados, faz com que tenhamos uma noção de como as estratégias de relativização estão sendo empregadas na fala culta carioca.

No que concerne à fala, a norma utilizada pelos falantes altamente escolarizados também é interpretada como a norma valorizada pela sociedade. Assim, a inserção das estratégias de relativização não padrão na fala culta carioca também é extremamente relevante para entendermos um pouco mais as mudanças que ocorrem no sistema do PB. Vejamos então os resultados acerca das estratégias de relativização no registro oral e no registro escrito.

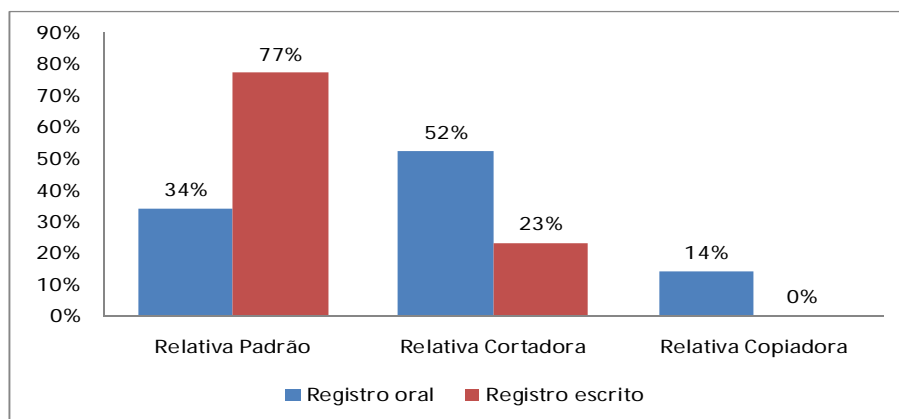


Gráfico II: Estratégias de relativização por tipo de registro

Conforme era esperado, na escrita, a estratégia de relativização que predomina é a padrão isto devido à intensa pressão da norma subjetiva. Por ser este um tipo de registro mais controlado, os índices de estratégia não padrão diferenciaram-se dos obtidos no registro oral. Chegando, a não ser encontrado, na escrita, nenhum caso de copiadora: a estratégia mais estigmatizada.

Ao ser observado o registro oral, nota-se um comportamento oposto ao da escrita. Neste caso, quem predomina é a estratégia cortadora. Essa diferenciação nos dados é

justificável por ser a oralidade um tipo de registro menos monitorado e que, portanto, é mais suscetível a mudanças linguísticas e à implantação de novas variantes. Observa-se ainda que, no Gráfico I, há a presença da estratégia copiadora, evidenciando que apesar de ser esta a forma estigmatizada ela já está sendo produzida, ainda que em baixa escala, pelos falantes mais cultos da sociedade carioca.

3.2. As estratégias de relativização e o gênero do informante na amostra do NURC

Uma das variáveis extralinguísticas intensamente consideradas nos estudos sociovariacionistas é o gênero do informante. Isto porque uma criança quando posta em sociedade tende a conviver, durante a sua infância, majoritariamente, com indivíduos do mesmo gênero. A partir desta consideração pode-se assumir a hipótese de que como os indivíduos crescem em grupos segregados, o comportamento linguístico também será distinto. Observemos então como o fator extralinguístico gênero atua nas estratégias de relativização na norma culta carioca da década de 1990.

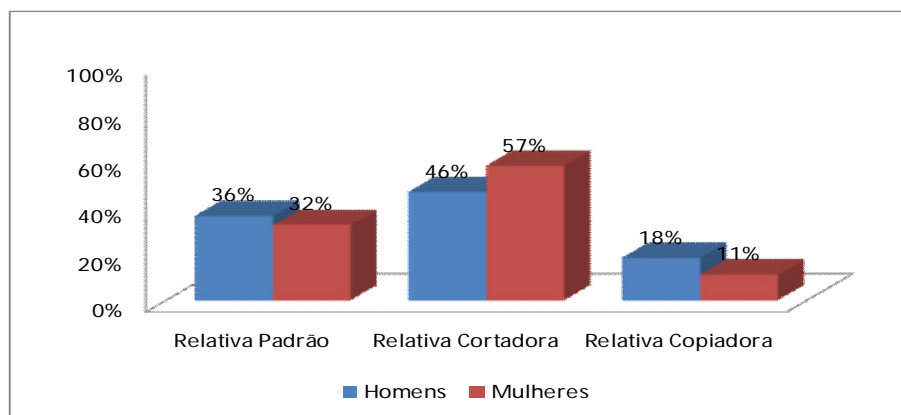


Gráfico III: Estratégias de Relativização por gênero

Em linhas gerais, a partir dos gráficos III, podemos dizer que, no uso das estratégias de relativização, a variação entre homens e mulheres não é estatisticamente grande. No que concerne à estratégia das relativas cortadoras, a variação mostra-se maior, visto que enquanto os homens a produzem em 46% dos dados, as mulheres utilizam essa estratégia em 57% das ocorrências. Chama a atenção, nos resultados apresentados no gráfico III, a frequência de uso da relativa copiadora pelos homens: 18%.

Em princípio, a relativa copiadora é a estratégia mais estigmatizada socialmente, apesar de não ser a estratégia inovadora do PB (TARALLO, 1993). Os resultados encontrados acerca das relativas copiadoras e cortadoras nos levam a refletir sobre os papéis do homem e da mulher na sociedade brasileira das décadas de 1970 e 1990 (amostra recontato).

Conforme mencionado no início do trabalho, estamos trabalhando com a amostra do NURC. Por consequência os informantes têm o nível superior completo. Podemos também dizer que não estamos tratando de homens e mulheres que viviam no interior do Brasil nas décadas de 1970 e 1990. Estamos, sim, trabalhando com a fala de cariocas escolarizados.

Culturalmente, o Rio de Janeiro da década de 1970 era constituído por famílias em que os homens saíam para trabalhar e as mulheres ficavam em casa cuidando dos filhos e realizando trabalhos domésticos. Essa característica social nos leva a questionar se de fato a estratégia copiadora era socialmente estigmatizada. Ainda que em baixa proporção, não supera a faixa dos 20% dos dados, a produção da copiadora por homens cultos em ambientes também cultos poderia levá-los a passar por preconceitos.

É interessante destacar que na década de 1970, conforme Duarte (1995), outra estratégia inovadora do PB já está implantada no sistema: o deslocamento à esquerda, como em (4). Nessa estrutura, também há uma cópia sob a forma de um pronome. Construções como (5) não são estigmatizadas e têm estrutura semelhante à relativa copiadora, conforme podemos perceber quando comparamos as em sentenças (4) e (5).

(4) a. **Esse grupo_i**, **ele_i** faz três viagens por ano.

b. **OBrasil_i**, veja bem, **ele_i** começou a ser migrado por baixo.

(DE PAULA, 2012)

(5) a. olha... normalmente eu tenho o costume de ver **filmes que são filmes alegres**]... nada de suspense... nada de terror... só realmente filmes que me façam rir.

Além disso, as duas estruturas – relativa copiadora e deslocamento à esquerda – são encontradas na amostra do NURC. Dessa maneira, podemos fazer dois apontamentos: (i) a hipótese de Kato (1981) de que a mudança no sistema pronominal do PB estaria influenciando nas estratégias de relativização ganha força, visto que ao mesmo tempo em que há a inserção no sistema de sentenças com deslocamento à esquerda, há também o preenchimento da

posição vazia deixada pelo item relativizado. Assim, os homens que frequentavam diversas redes sociais teriam maior possibilidade de realizar a estratégia copiadora, tanto quando se copia uma expressão referencial quanto um pronome relativo.

Por outro lado, temos os resultados acerca da estratégia relativa cortadora: construção inovadora do PB. Nesse caso, as mulheres são mais inovadoras do que os homens. Ainda que a diferença percentual entre a frequência de uso da relativa cortadora entre homens e mulheres seja pequena, ela nos indica que a mudança pode ter tido início na fala das mulheres. Nesse sentido, assumindo a perspectiva de Labov (2001) acerca do paradoxo dos gêneros, a mudança nas estratégias de relativização do PB seria do tipo “from below”, ou seja, aquela mudança iniciada pelas mulheres e que é processada abaixo do nível de consciência do falante.

Em oposição ao quadro expresso pelas relativas cortadoras, a maior produtividade de relativas copiadoras por parte dos homens indica que esta é uma estratégia produzida no nível da consciência do falante. O nível da consciência pode, portanto, ser a justificativa para a menor produtividade das relativas copiadoras por parte das mulheres. Isso porque a mulher percebendo o estigma dessa construção a produz menos e permite que o seu núcleo familiar tenha um capital simbólico mais valorizado socialmente. A relativa cortadora não sofre estigma, justamente porque é uma mudança abaixo do nível da consciência. Por não ser estigmatizada, a mulher não percebe que a está produzindo e a mudança se processa naturalmente de forma lenta e gradual.

3.2.1. As faixas etárias: homens x mulheres

O comportamento linguístico das gerações é um reflexo das diversas fases pelas quais a língua passa. Assim, Labov (2001) postula que é na faixa etária mais jovem que se processam as mudanças linguísticas. Desta maneira, gradativamente, as variantes utilizadas pelos mais velhos vão sendo deixadas de lado em detrimento das mais novas. Observe o gráfico IV em que apresentamos uma comparação entre as estratégias de relativização produzidas por homens e mulheres em três faixas etárias.

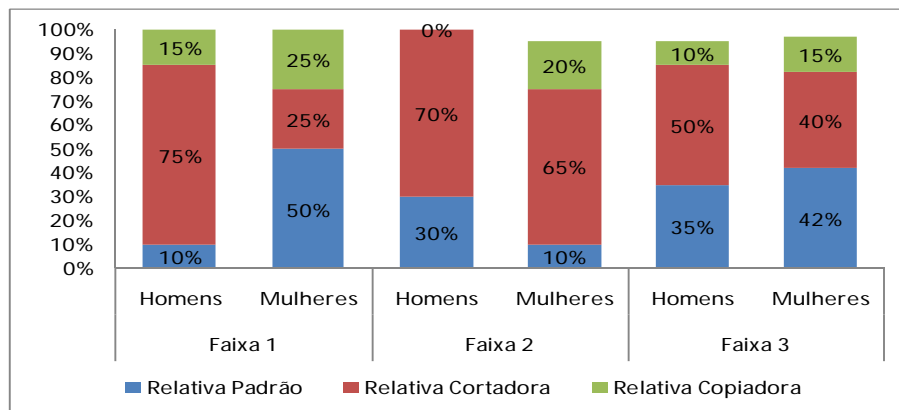


Gráfico IV: Estratégias de relativização ao longo do tempo no Registro oral

Ao observar o gráfico IV, nota-se que é justamente na primeira faixa etária, ou seja, entre 25 e 35 anos, que as estratégias de relativização não padrão mais se sobressaem. Isto, especialmente nas mulheres que são, nesse fenômeno, mais inovadoras do que os homens. Ao se observar o comportamento das faixas etárias nos homens, nota-se que as estratégias não padrão são mais produtivas na segunda geração de informantes.

Quanto às estratégias padrão o homem mostra-se em geral menos propenso a realizá-las do que as mulheres. O gráfico mostra que está havendo uma variação no sistema linguístico, no sentido de que mesmo os falantes cultos cariocas e, talvez por extensão, os do português brasileiro, estão produzindo de forma mais numerosa as estratégias de relativização não padrão.

4. Considerações Finais

Os resultados apresentados neste trabalho mostram que na norma culta carioca três estratégias de relativização estão em variação: a relativa padrão, a relativa cortadora e a relativa copiadora. Entre estas construções, a relativa cortadora é sem dúvida a mais frequente e se caracteriza, conforme já advoga Tarallo (1993), como prototípica à norma culta do PB. Nossos resultados não permitem fazer generalizações acerca do Português Brasileiro, mas sim nos ajudam a traçar um olhar para a norma culta carioca. Em suma, podemos dizer que há uma diferença entre a utilização das estratégias cortadora e copiadora por homens e mulheres. Enquanto estas apresentam baixa frequência da estratégia copiadora – a mais estigmatizada – os homens apresentam uma frequência maior desta construção. Ao olharmos para a sociedade carioca da década de 1970 percebemos que as mulheres eram muito mais conservadoras do que os homens e que estas precisavam passar aos filhos alguns capitais simbólicos: um destes é a exposição dos filhos a construções linguísticas menos estigmatizadas pela sociedade.

Estamos assim apresentando um resultado de trabalho que precisa ser desdobrado. É imprescindível verificar em que medida a escolarização em tempos menos tardios tem influenciado na escolha de uma ou outra estratégia de relativização; e, por fim, é preciso verificar se com as mudanças na sociedade moderna, em relação ao comportamento de homens e mulheres, as frequências de uso das estratégias copiadora e cortadora mantêm-se em níveis semelhantes aos observados na amostra do NURC- 1970.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. Variação dialetal e ensino institucionalizado da língua portuguesa. In: BAGNO, Marcos. *Linguística da norma*. São Paulo, Edições Loyola, 2002, p.27-35.

DE PAULA, Mayara Nicolau. *As construções de deslocamento à esquerda de sujeito no PB: um estudo em tempo real de curta duração*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2012

LUCCHESI, Dante. Norma linguística e realidade social. In: BAGNO, Marcos. *Linguística da norma*. São Paulo, Edições Loyola, 2002, p.63-90.

DUARTE, Maria. Eugênia. Lammoglia. (Org.) ; PAIVA, Maria. Conceição. (Org.) . *Mudança Linguística em Tempo Real*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003. v. 1. 206p .

DUARTE, Maria Eugênia Lammoglia. *A perda do princípio evite pronome no português brasileiro*. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas, 1995.

FARACO, Carlos Alberto. Norma-padrão brasileira: desembaraçando alguns nós. In: BAGNO, Marcos. *Linguística da norma*. São Paulo, Edições Loyola, 2002, p.37-60.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário da língua portuguesa*, Rio de Janeiro, 2009.

KATO, Mary (1981) Orações relativas: variação universal e variação individual no português. *Estudos Linguísticos*, 1981, pp.1-16.

LABOV, William. (2001). *Principles of linguistic change: Social factors* (Vol. 2). Language in society (no. 29).Oxford: Blackwell.

LOPES, Célia Regina dos Santos e SILVA, Bianca Graziela Gomes Souza. O papel da frequência na gramaticalização do "que": análise das estratégias de relativização no português do Brasil. *Veredas* (UFJF), v. 1, p. 60-80, 2007.

OLIVEIRA, M. Estratégias de relativização e tipologia anafórica: um caso de aprendizagem formal. In: Ataliba Teixeira de Castilho. (Org.). *Sintaxe e aquisição*. Campinas: Unicamp, 2007.

SILVA, Bianca Graziela Souza Gomes da. *As estratégias de relativização na escrita de portugueses dos séculos XVI, XVII e XVIII*. Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2011.

TARALLO, Fernando. Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém e d'além mar ao final do século XIX. In: ROBERTS, Ian e KATO, Mary A. (orgs). *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas, editora da Unicamp, 1993.

WEINREICH, Uriel, LABOV, William & HERZOG, Marvin.(1968). Empirical foundations for a theory of language change. In W. Lehman & Y. Malkiel (eds.) *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press. 97-195.